

Anjo Negro

Série O Cristal do Coração Guardião
Volume 7



AMY BLANKENSHIP, RK MELTON

Table of Contents

Prólogo – Darius

Capítulo 1 “Risada Maligna”

Capítulo 2 “Mitos Perigosos”

Capítulo 3 “Casas Assombradas”

Capítulo 4 “Oficialmente Aterrado”

Capítulo 5 “Feiticeiras Infernais e Demónios-Sombra”

Capítulo 6 “Anjos e Demónios”

Capítulo 7 “Paz e Fúria”

Capítulo 8 “Inquietação”

Capítulo 9 “Indesejável Santuário”

Capítulo 10 “Grito de Fúria”

Capítulo 11 “Amor Furioso”

Capítulo 12 “Distracções e Ciúme”

Capítulo 13 “Demente”

Capítulo 14 “Sacrifício”

Anjo Negro
Série O Cristal do Coração Guardião Volume 7

Amy Blankenship, RK Melton
Traduzido por Sara Alves

Direitos de autor © 2010 Amy Blankenship
Versão em Inglês Publicada por Amy Blankenship
Segunda Edição Publicada por TekTime
Todos os direitos reservados.

Capítulo 1 “Risada Maligna”

Por norma, a longa-metragem “Evil Dead II” provocava-lhe o pânico. Felizmente, Kyoko estava com tanto sono que mal via o ecrã da televisão, o que era de espantar, dado o sistema de cinema em casa de 73 polegadas. Piscou algumas vezes os olhos e acordou repentinamente, verificando a hora no leitor de DVD.

Três da manhã! O seu último pestanejo terá sido a sua desgraça. Dormiu durante mais de uma hora.

Ficava acordada por hábito até se certificar de que todos estavam em casa. Tentou sentar-se quando se apercebeu de que estava entalada entre o Toya e as costas do sofá.

O seu rosto corou ao olhar para baixo. A sua cara estava enterrada no seu baixo-ventre e o seu braço envolvia a sua anca. Como era possível adormecer do lado oposto da sala e depois acordar com ele nas mais estranhas posições? Tirava-a do sério. Se não estivesse a dormir já o teria empurrado para o chão.

Não era a primeira vez que este pensamento lhe ocorrera, mas até à data...ele nunca tinha sentido a dureza do chão.

A sua expressão amenizou-se ao observa-lo, seu cabelo escuro, repleto de reflexos prateados, espalhado em seu redor. Tinha um ar doce quando dormia...era pena não o poderem manter sempre neste estado. Gozou com a sua própria ideia. Mas caramba, era a pura das verdades. Apesar de meigo e carinhoso, Toya seria o primeiro a acirra-la.

Pulou as costas do sofá, para evitar ter que passar por cima dele, equilibrou-se e olhou ao seu redor.

Kyoko abanou a cabeça, questionando-se porque a maioria deles se habituou a dormir quase todas as noites na sala de estar, quando cada um tinha um quarto com uma cama de casal. Num relance, reparou que estavam presentes todos aqueles por quem esperava, à excepção de Kyou, o que era expectável, e Tasuki, que esta semana estava a fazer o turno da noite.

Como patrão, seria pedir muito de Kyou que confraternizasse com polícias, detetives privados e videntes com quem trabalhava.

Um pensamento comicamente perverso passou-lhe pela cabeça e sorriu. Se alguém estivesse acordado para o ver, teria fugido de susto. Dada a recente avalanche de provocações por parte da malta, Kyoko sentiu que estava na hora da retribuição, a dobrar.

Caminhou até ao pequeno sofá onde Shinbe se encontrava a dormir. Retirou-lhe cuidadosamente o comando da televisão que, por alguma razão, tinha acabado no seu colo. Kyoko congelou quando ele se mexeu e murmurou algo sobre pele de coelho e xarope de chocolate enquanto dormia.

Abanou a cabeça e tirou-lhe o comando, silenciando a televisão.

Sentiu-se tonta com a descarga de adrenalina e foi preciso fazer um esforço consciente para que o sentimento de culpa que a invadia se remetesse ao silêncio. Depois do incidente com a roupa interior de Kotaro e da súbita necessidade de Toya de correr nu pelo corredor e para dentro do seu quarto...eles bem o mereciam.

Além disto, eles consideravam-na a bebé do grupo. Ela sempre teve de se debater com eles para conseguir os trabalhos paranormais sérios.

O seu único autêntico dom era o de conseguir vislumbrar o passado tocando em algo ou alguém, e assim ajudar a solucionar os casos. Contudo, nem sempre funcionava. Nem podia simplesmente dirigir-se ao um demónio, tocar-lhe e perceber se andava por aí a matar pessoas.

Quem sabe ela não conseguia antecipar-se a todos eles simultaneamente, conseguiria provar-lhes que era capaz. Além disso, a vingança é um prato que se come frio.

Kyoko manteve a televisão sem som e aumentou o som ao máximo. Uma parte da banda sonora do filme fazia-a encolher-sempre que a ouvia. Então retrocedeu até à passagem em que o personagem principal se torna alvo das risadas maléficas de tudo e todos os presentes.

Esgueirou-se sorratamente até à porta, abriu-a e passou para o corredor, parando para apreciar a cenário tranquilo. Pressionou o botão do silêncio mais uma vez e atirou o comando na direcção do sofá, fugindo de seguida a sete pés.

A barafunda sobressaltou-os a todos, gerando um efeito dominó que serviria de motivo de risada para os não-envolvidos durante um bom tempo.

Kotaro foi o primeiro a reagir. Reclinado em uma das poltronas, sonhava com um certo anjo com cabeleira cor acaju-acobreado, quando o sinistro riso o envolveu. Pôs-se repentinamente de pé e, puxando em

simultâneo de sua Beretta, deu um tiro na televisão. Reagiu instintivamente e em consonância com a sua posição nas forças policiais.

Seu parceiro de esquadra, Yohji, estava sentado em outra cadeira quando a sua violenta reação a fez virar. Em menos de um segundo estava em posição atrás do sofá com a arma apontada à carcaça da televisão.

Shinbe ficou de pé, exclamando algo sobre abandonar o navio, Kyoko e pervertidos em primeiro lugar. Piscou os olhos à medida que era ejetado do seu sono para um possível pesadelo. Examinou a televisão de cabeça inclinada.

Toya, dada a sua posição precária em cima do sofá, caiu em cima do Kamui, que estava estendido no chão com o seu portátil aberto à sua frente. A sua cara chocou com o teclado e o pé de Toya com o ecrã, destruindo seguramente o dispositivo.

“Mas que raio, Kotaro?”, reclamou Toya.

“Tira-me essa fuça do rabo!” Kamui berrou e bateu em retirada, deixando Toya cair ao chão.

Shinbe esfregou a nuca, agradecendo aos deuses ninguém o ter ouvido.

Yohji levantou-se lentamente e voltou o seu PPK ao coldre enquanto torcia o nariz à televisão que fumegava. “Atingiste a televisão outra vez,” resmungou. “É a segunda este ano, certo?” Fulminou a televisão com o seu olhar e acrescentou, “Acho que se está a rir para ti.”

Kotaro, por sua vez, estava a olhar para o televisor desfeito, que continuava a vomitar o seu riso maléfico, mesmo com o ecrã destruído. A sua expressão era de total surpresa; baixou o olhar até a Beretta que empunhava antes de a voltar ao seu lugar no coldre. O piscar intermitente de luz fê-lo virar-se, e nas suas costas encontrou a Suki a tirar fotografias com o seu telefone móvel.

“Três palpites para adivinharem quem foi o autor do crime,” exclamou Toya, correndo até à porta.

“Não a mates!” Kamui gritou, seguindo-o. “Eu tenho prioridade.”

Kotaro não se mexeu. Continuava a contemplar a televisão. Empenhado em ‘salvar’ a Kyoko da retaliação de Toya, Shinbe seguiu-o e ao Kamui porta fora.

“Não temeis, Kyoko, eu defender-te-ei!” Exclamou Shinbe, correndo pelo corredor.

Yuuhi, um menino albino de baixo porte, retirou os tampões dos ouvidos. “Eu avisei-te,” disse em tom indiferente, o que por si já era

bastante sinistro.

Amni, que estava sentado ao lado do menino no mesmo pequeno sofá que Shinbe havia abandonado há momentos, tirou igualmente os seus tampões dos ouvidos e sorriu. Os dois eram os videntes do grupo e previram esta peripécia há já alguns dias. Não avisaram ninguém porque assim seria bem mais divertido!

“Pelo menos as câmaras de vigilância que o Kyou montou apanham tudo,” disse Amni. “A reprodução instantânea foi a melhor invenção desde a roda.”

“Perdi alguma coisa?” Perguntou Tasuki, à medida que foi entrando calmamente pela porta dentro, grato por ter terminado mais uma jornada de trabalho.

“Toya saiu para matar a Kyoko,” afirmou Amni, em tom fúnebre, como se vislumbrasse um cenário medonho. Teve de seguida um ataque de riso ao ver o Tasuki sair do quarto a uma velocidade tal que provocou uma brisa.

Kotaro levantou-lhe a sobancelha, “Já te disseram que tens algo de diabólico?”

Amni encolheu os ombros, “Não quis que ele se sentisse excluído.”

Darius encostou-se à parede de tijolo, absorvendo as vibrações da cidade. Os sons e cheiros de tantos humanos, desvirtuados pelos ecos demoníacos que só ele sentia. Sentia até as sombras que não se enquadravam na luz do dia, mas manteve a calma por forma a camuflar os seus poderes por um tempo.

Aprendera há muito que a sua disposição influenciava o clima e, hoje por enquanto, o céu mantinha-se limpo e a temperatura perfeita. Era meio-dia, e ele preferia a luz do sol à solidão. Estava a receber uma dose de ambos.

Esboçou um sorriso enquanto observava os humanos. Mantinham-se tão perto do lado oposto do largo passeio, que um único passo em falso os faria aterrar no meio do trânsito congestionado.

Estava habituado a que as pessoas se distanciam ao passar, e já não se importava...se é que alguma vez se importou. Podia prestar-lhes a todos um serviço e permanecer invisível, mas estava farto de se equiparar a um

fantasma 24 horas por dia, 7 dias por semana. O único motivo que o trouxe até esta área densamente povoada, foi o odor de inúmeros demónios.

Continuava a escapar-lhe o porquê deste lugar se ter tornado o centro de interesse demoníaco. Era tão concorrido, barulhento e sujo que até certo ponto compreendia porque o escolheriam, mas isso não o obrigava a gostar. Há muito que evitava zonas excessivamente populadas, era aqui que se encontravam a pior espécie de humanos. Alguns eram quase tão perversos quanto os demónios que seguia.

Matara inúmeros demónios ao longo dos milénios, mas os mais fortes e velozes dispersaram-se e esconderam-se enquanto ele matava os mais fracos. Todas as pistas pareciam convergir aqui, nesta cidade.

Os seus pensamentos turvaram, sabendo que os demónios mestre estariam agora a conspirar em conjunto, acreditando erradamente que o seu exército, misturado entre a multidão de humanos, o poderia derrotar. A camuflagem humana não os ajudaria. As suas auras eram como faróis para ele, mais pareciam sombras distorcidas que seres vivos.

Os seus olhos escureceram com o pensamento. Se fosse obrigado a destruir esta cidade e todos os humanos que a habitavam, que assim seja. Não devia nada aos mortais. Para além de que, eles sabiam dos demónios e escolhiam ignora-los. Todos os filmes de terror serviam como prova, embora os tratassem como ficção. Esqueceram-se que toda a lenda humana se baseava em uma pequena porção de facto.

Esta noite era a noite dos demónios...os humanos chamavam-lhe Noite das Bruxas. Era a noite em que as pessoas ignoravam aquilo que era mais óbvio. Ele suspeitava ser essa a razão pela qual os humanos se fantasiavam de monstros...para não serem reconhecidos pelos verdadeiros. Quão ignorante se havia tornado a raça humana.

Ao lançar o seu olhar atento através da rua movimentada, Darious avistou o seu próprio reflexo nos vidros dos altos edifícios do outro lado. Os seus olhos estreitaram-se e imaginou o que os outros viam quando olhavam para ele e que os obrigava a arrastar os seus filhos para o lado oposto da rua.

Será que percebiam a sua própria falta de conhecimento, medo, ou talvez ela representava um desafio à sua ignorância conhecida. Preferiam manter-se inconscientes em relação à verdadeira perigosidade do mundo. Ele viera para os salvar, e no entanto tratavam-no como se fosse um

demónio. Apenas os inocentes captavam e seguravam o seu olhar...crianças, enquanto os seus pais os arrastavam para longe.

Kyoko estava parada no escritório da frente, grata por estar a sós com Suki. Riu-se sozinha, apreensiva, enquanto fazia a sua primeira chávena de café. Sabia que a malta se ia vingar pelo que aprontou na noite anterior. Engoliu, lembrando-se do chão que vibrara devido ao som intenso, de correr pelo corredor até ao seu quarto antes que a apanhassem.

Tinha ouvido o Toya atrás dela, a vociferar uma panóplia de obscenidades. Ambos sabiam que não a teria magoado se a tivesse apanhado.

Na sua precipitada corrida ao refúgio, ao virar a esquina, reparou no Kyou estacionário à entrada do seu quarto. Tinha vestidas umas calças pretas de cetim, que roçavam perigosamente as suas ancas, o seu cabelo prateado a perfeição, mesmo a meio da noite. Foram os seus olhos que por pouco não a levaram a dar meia volta. Pareciam de ouro fundido, ardentes, e fixados nela enquanto corria por ele e entrava em seu quarto.

Kyoko virou-se ao entrar e guinchou ao ver Toya embarrilar na sua direcção pelo hall. Podia jurar que, ao bater com a porta, viu Kyou esticar o seu pé meia dúzia de centímetros, fazendo com que Toya tropeçasse e batesse com o nariz no chão.

Agora já se podia rir com isso.

Confiava a sua vida a Kyou e ele parecia cuidar de todos os que residiam e trabalhavam no edifício. Sabia pouco a seu respeito mas a sensação de o conhecer intimamente deixava-a com frequência enrubescida.

Sabia apenas que ele nadava em dinheiro e assegurava-se de que não faltava nada a ninguém. Era dotado ainda de um estranho dom para seleccionar com precisão quais os casos paranormais a atribuir e quais as armas de que necessitariam. Era o irmão mais velho de várias pessoas que ali trabalhavam...embora nunca fora capaz de lhes ajuizar as idades.

Toya era o segundo mais velho. Tinha cabelo ébano com laivos prateados do mesmo tom que os de Kyou. À semelhança dos restantes irmãos, com o corpo que tinha, podia figurar em anúncios de roupa interior. Sabem...do tipo que obriga uma rapariga a parar para ver.

You've Just Finished your Free Sample

Enjoyed the preview?

Buy: <http://www.ebooks2go.com>